

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARLENE LIMA OLIVEIRA SANTANA

**AS PARÁBOLAS DE JESUS COMO MÉTODO DE ENSINO NO
PROCESSO EDUCATIVO DO PROEJA**

São Leopoldo

2017

MARLENE LIMA OLIVEIRA SANTANA

AS PARÁBOLAS DE JESUS COMO MÉTODO DE ENSINO NO PROCESSO
EDUCATIVO DO PROEJA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Teologia
Prática
Linha de Pesquisa: Educação
comunitária com infância e
Juventude

Orientador: Prof. Me. Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232p Santana, Marlene Lima Oliveira Santana
As parábolas de Jesus como método de ensino no
processo educativo do PROEJA / Marlene Lima Oliveira
Santana; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2018.
60 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Leitura. 2. Leitura – Compreensão. 3. Educação. 4.
Jesus Cristo – Parábolas. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARLENE LIMA OLIVEIRA SANTANA

AS PARÁBOLAS DE JESUS COMO MÉTODO DE ENSINO NO PROCESSO
EDUCATIVO DO PROEJA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Educação comunitária
com infância e Juventude

Data de Aprovação: 04 de dezembro de 2017.

Verner Hoefelmann – Mestre em Teologia – Faculdades EST

Flávio Schmitt – Doutor em Teologia – Faculdades EST

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus.

Agradeço ao auxílio que tive, principalmente de meus pais (*in memoriam*), que muito lutaram para possibilitar meus estudos.

Ao meu marido e à minha amada filha Mariana, que muitas vezes perderam a oportunidade de estarem comigo para atenderem às minhas necessidades.

Às colegas de trabalho que me incentivaram a ingressar neste curso e me auxiliaram sempre que necessário.

A todos os colegas de curso, professores e funcionários da Instituição que participaram da construção dos novos conhecimentos.

Ao professor orientador Verner Hoefelmann, que sempre de forma prestativa, atenciosa e colaboradora, apoiou na construção deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar a prática da leitura em sala de aula com discentes do curso de Técnico em Instrumento Musical na modalidade PROEJA, no componente curricular Língua Portuguesa do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, situado em Salvador/BA, a partir do método das parábolas de Jesus, a fim de fomentar neles/as o gosto pela leitura e reflexão. Observa-se, nesta pesquisa, a inclinação dos e das discentes para a leitura, contudo, esses apresentam dificuldades em leitura e interpretação textual, o que compromete o seu desempenho institucional, assim como a sua atuação profissional. A aquisição dessas habilidades favorecerá a aprendizagem dos conteúdos de todas as disciplinas e a prática instrumental do e da profissional em música. Para dinamizar a prática da leitura, viabilizando ao e à discente ler com prazer e por prazer, propõe-se, para a apreensão dessas habilidades, leituras interpretativas das parábolas de Jesus como gênero textual a ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa. A pesquisa que aqui se apresenta é classificada como bibliográfica e documental, pois foi feita uma revisão de algumas obras sobre o assunto com levantamentos explicativos, interpretativos e avaliativos. O referido estudo tem como alvo a aplicação dos conhecimentos adquiridos e a mudança de comportamento e atitude dos educandos e das educandas na prática da leitura como instrumento de compreensão e transformação da sociedade.

Palavras-chave: Parábolas de Jesus. Leitura. Interpretação textual.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to analyze the practice of reading in the classroom with students of the program for Technician in Musical Instrument in the PROEJA modality, in the curricular component of Portuguese Language in the Manoel Novaes State Highschool, situated in Salvador/BA, based on the method of the parables of Jesus, to foment in them the taste for reading and reflection. One can observe in this research the inclination of the students toward reading, however these present difficulties in reading and textual interpretation, which compromise their institutional development as well as their professional work. The acquisition of these skills will enhance the learning of the contents of all the disciplines and the instrument practice of the professional in music. To dynamize the practice of reading, making it possible for the student to read with pleasure and for pleasure, one proposes, in order to acquire these skills, interpretative readings of the parables of Jesus as a textual genre to be worked in the Portuguese Language classes. The research presented here is classified as bibliographic and documental, since a review was made of some works on the subject with explicative, interpretative and evaluative surveys. The referred study has as its goal the application of the acquired knowledge and the change of behavior and attitude of the learners in the practice of reading as an instrument of understanding and transformation of society.

Keywords: Parables of Jesus. Reading. Textual Interpretation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O USO DE PARÁBOLAS COMO FERRAMENTA ENRIQUECEDORA NO CURSO DO PROEJA.....	15
1.1 Conceito de Parábola	16
1.2 Princípios Hermenêuticos e Metodologias usadas por Jesus na interpretação das parábolas.....	20
1.3 Diversidades de Métodos usados por Jesus no ensino	25
1.3.1 Ensino através de métodos e recursos variados	26
1.3.2 Ensino baseado na reflexão	28
1.3.3 Ensino baseado em relacionamentos.....	28
1.3.4 Ensino baseado no interesse do aluno.....	29
2 DIALOGISMO NO MÉTODO PAULO FREIRE E O PROEJA	31
2.1 A Educação de Jovens e Adultos e sua ligação com a teoria desenvolvida por Paulo Freire	31
2.2 História da EJA no Brasil	33
2.3 Educação e o dever do estado de incluir	38
3 DESAFIO DO EDUCADOR E DA EDUCADORA (DOCENTE) NAS AULAS DE LEITURA NO CURSO PROEJA	45
3.1 As Parábolas no contexto de sala de aula objetivando a reflexão do discente	45
3.2 Interpretação da parábola do semeador direcionada à aquisição da leitura	48
3.3 Os desafios docentes na formação de jovens e adultos	51

4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS.....	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar a prática da leitura em sala de aula com educandos e educandas do curso de Técnico em Instrumento Musical na modalidade Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, no componente curricular Língua Portuguesa do Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, situado em Salvador – Bahia, a partir do método das parábolas de Jesus, a fim de fomentar o gosto pela leitura e a reflexão por parte desses estudantes.

A pesquisa que aqui se apresenta tem relação direta com o trabalho que realizo há mais de 20 anos como professora no referido Colégio Estadual. Esse período me possibilitou a conhecer a comunidade em relação aos seus aspectos socioeconômicos e culturais. Desde 2009, com a implantação do curso profissional técnico em instrumento musical, na modalidade Proeja, foi possível perceber com nitidez o quanto as dificuldades de leitura e escrita numa turma heterogênea, com diversidade etária e de grau de instrução, além das dificuldades na conciliação entre trabalho e escola eram impedimentos para o bom andamento do curso.

Ao longo da prática profissional, foi observado um desconforto dos e das discentes, inibidos nas práticas de leitura e escrita durante as aulas. Acentuavam-se cada vez mais os problemas de autoestima dessas e desses educandos, desencadeando, assim, uma situação de incapacidade que levava a maioria a desistir do curso.

Surgiram, então, inquietações para buscar métodos práticos e eficientes para trabalhar em sala de aula, mais especificamente nas aulas de Língua Portuguesa. Almejava-se que as aulas fossem interessantes às e aos discentes, que possibilitasse a apropriação dos conhecimentos já existentes, da experiência de vida e do contexto situacional próprio desses indivíduos.

O Proeja, como um Programa que visa à integração da educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos à profissionalização em nível técnico, nasceu com o dever de atender à situação provocada pelo contínuo processo de exclusão social, desemprego, desassalariamento, baixa escolaridade e falta de

qualificação dos trabalhadores, entre outros fatores socioeconômicos e culturais que imperam na sociedade brasileira. Mas ele não surtia na prática a efetividade de seus propósitos.

A partir desse contexto, a dificuldade de trabalhar com leitura, compreensão e interpretação textual remeteu à necessidade de se desenvolver uma dinâmica mais interativa para melhorar o processo formativo das e dos estudantes.

O presente trabalho classifica-se como bibliográfico e documental. Nesse escopo, foi feita uma revisão de algumas obras sobre o assunto com levantamentos explicativos, interpretativos e avaliativos. O referido estudo tem como alvo a aplicação dos conhecimentos adquiridos no estudo das parábolas como método de ensino para a mudança de comportamento e atitude dos educandos e das educandas na prática da leitura como instrumento de compreensão e transformação da sociedade.

A opção em analisar determinadas parábolas do Novo Testamento se justifica pelo fato de os referidos educandos e educandas terem habilidade com a prática de leitura bíblica das comunidades e grupos populares, onde se é possível associar intimamente Bíblia e vida. A sua vinculação com a realidade contextualiza a leitura, tem fundamentação no cotidiano das pessoas, além de ser o contexto em que eles expressam, a partir dos textos, suas alegrias, expectativas, conflitos e esperanças.

Dessa forma, almeja-se que a leitura de parábolas com a devida contextualização fomente o gosto pela leitura, assim como a reflexão do educando e da educanda.

A partir dessas considerações, também é estabelecido como objetivo específico a análise de algumas discussões pertinentes ao assunto, como, por exemplo, identificar estratégias de leitura e interpretação de texto, a partir da contextualização com vistas ao desenvolvimento de habilidades de leitura e reflexão.

Inicialmente, apresenta-se para reflexão o seguinte questionamento: Por que parábola? A parábola é mais que uma forma prazerosa de adquirir conhecimento, pois estimula a reflexão, o entendimento e o esclarecimento de situações vivenciadas no dia a dia. A ausência de respostas prontas e diretas nas parábolas desencadeia no leitor e na leitora a curiosidade e a conseqüente reflexão sobre o tema presente nesses textos.

Os educandos e as educandas do Proeja carregam a maturidade da experiência de vida. Trata-se de indivíduos com idade avançada, na sua grande maioria, abertos ao universo religioso, ao sentido da vida. Para falar com o mestre Carlos Mesters¹, são pessoas que revelam “o sentido divino do humano”. Na linha do exposto, Dupont² afirma que as parábolas descrevem comportamentos. Suas imagens são extraídas das ações, e essas ações visam ao seu ensinamento. Usá-las como ferramenta para modificar, despertar ou fazer inserção de novos comportamentos é um dos pilares deste trabalho.

O primeiro capítulo, além de justificar a escolha das parábolas como tema de estudo, aborda o aspecto pedagógico das parábolas. A esse respeito, Martim Lutero afirma “Esta é a melhor maneira de ensinar, a saber, acrescentar à palavra o exemplo e a imagem. Pois esses fazem com que o discurso seja entendido claramente e possa ser melhor memorizado”³.

Na sequência, discute-se o item *Princípios Hermenêuticos e Metodologias usadas por Jesus na interpretação das parábolas*. Pedro Vasconcellos⁴ afirma sobre isso a necessidade de renovar a interpretação das parábolas de Jesus usadas como método de ensino muito enriquecedor para o processo de aprendizagem.

Jesus utilizava método analisando os conhecimentos de seus discípulos, suas características, dentre outros fatores, como a personalidade do indivíduo. Ensinava por meio de uma situação específica, de modo a garantir um bom resultado a partir da receptividade de seus interlocutores. Assim, na grande maioria das vezes, fazia uso das parábolas, mas recorria também ao uso de declarações curtas, lições objetivas, perguntas, repetições, entre outras figuras de linguagem.

O segundo capítulo procura estabelecer um diálogo entre o método de Paulo Freire⁵, e o Proeja, entendendo que há pontos de contato entre ele e o método das parábolas. Inicia-se com um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos e sua ligação com a teoria desenvolvida por Paulo Freire⁶. Ressalta-se que a

¹ MESTERS, Carlos. *Deus, Onde Estás?* Belo Horizonte: Vega S.A., 1972, p. 153.

² DUPONT, Jacques. *Por que parábolas?* Petrópolis: Vozes, 1980. p. 15.

³ BRAKEMEIER, Gottfried. *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p.9.

⁴ VASCONCELLOS, Pedro Lima. E Ihes “falava em parábolas”: uma introdução à leitura das parábolas. In: *Mosaicos da Bíblia*. São Paulo, 1995, n. 19, p. 7-11.

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 61-66.

⁶ FREIRE, 1997, p. 61-66.

dialogicidade é uma das características do método que Freire⁷ utiliza para que os educandos possam interagir melhor com o aprendizado. Freire refere-se a uma educação libertadora, que por meio do diálogo torna os discentes sujeitos do processo educacional, contrapondo-se ao método de ensino por meio de autoridade.⁸

No item seguinte, discute-se o dialogismo entre o Proeja e o Método Freireano, uma vez que o educador Paulo Freire foi o responsável pelo método que consiste na proposta de alfabetização de jovens e adultos, em que se destaca pelo desafio da construção e consolidação de uma proposta educacional política de inclusão social emancipatória. Como enfatiza Freire⁹, a educação deve ser uma forma de libertação dos oprimidos, considerando que os oprimidos são os escravos do mercado de trabalho, os menos favorecidos, os que necessitaram trabalhar em vez de estudar no tempo regular.

O terceiro item do referido capítulo, *Educação e o dever do Estado de incluir*, refere-se a uma garantia constitucional de um direito fundamental, que se discute à luz das afirmações de Celso Antonio Pacheco Fiorillo¹⁰.

O terceiro capítulo refere-se à aplicabilidade da parábola nas aulas de língua portuguesa, modalidade Proeja, como incentivo para a leitura e interpretação textual. O primeiro item discorre sobre os desafios docentes do ensino na formação de jovem e adulto da EJA. Esse item abre reflexão para a questão da formação docente, que na maioria das vezes inicia sua trajetória de professor trilhando por caminhos desconhecidos, com carência e às vezes ausência de uma formação didático-pedagógica coerente. Desse modo, apropria-se da explanação de Tardif¹¹ ao discutir que o investimento na carreira profissional de um professor não é limitado somente ao legado da Universidade, mas à totalidade de sua formação.

Na sequência, discute-se o item *As parábolas no contexto de sala de aula, objetivando a reflexão do discente*, ao corroborar com o autor Libâneo¹², quando

⁷ FREIRE, 1997, p. 135-140.

⁸ FREIRE, 1997, p. 140.

⁹ FREIRE, 1997, p. 135-140.

¹⁰ FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. *Curso de direito ambiental brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 114.

¹¹ TARDIF, Maurice. *Ambigüidade do Saber Docente nas Reformas Relativas à Formação Universitária para o Magistério*. Texto Digitado, 2000. p.2.

¹² LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus Professor; Adeus Professora?: Novas exigências educacionais e a Profissão Docente*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 58.

afirma que a docência não deve ser realizada de modo desconectado de um contexto histórico e social, mas contextualizada com vistas ao conjunto das relações sociais.

No último item, procura-se fazer uma interpretação da parábola do semeador, direcionada para o estímulo à leitura. A dita Parábola é de notável beleza poética pela sua originalidade e pelas lições que encerra. Honra a seu autor e revela a profundidade de um soberano pensador: Jesus.

1 O USO DE PARÁBOLAS COMO FERRAMENTA ENRIQUECEDORA NO CURSO DO PROEJA

Afinal, por que parábola?

Estudar as parábolas de Jesus estimula o conhecimento do mundo em que elas foram proferidas, uma vez que elas são substratos da vida e expõem anseios, desejos, labutas, angústias, tudo o que cada indivíduo expressa por atos ou por meio oral ou escrito e que fazem parte do cotidiano. Nesse aspecto, as parábolas são instrumentos que viabilizam esses sentimentos.

Quando Jesus faz uso das parábolas e da comparação, usa-as como exemplo em dada situação que possibilita a reflexão, o entendimento e o esclarecimento do obscuro ou da dúvida, por analogia, por metáforas, sem respostas prontas e diretas e levando seus ouvintes à reflexão.

Vejamos a reflexão que se abre com o estudo das parábolas, conforme Carlos Mesters¹³:

Assim, Jesus usa umas comparações em que Ele fala do semeador, da semente que cai na estrada, nas pedras, entre os espinhos e na terra boa. Mas Ele pensa no evangelista ou pregador (seeador), na Palavra de Deus (semente), no coração inconstante (pedras), no coração esquecido (estrada), no coração aliciado pelos prazeres da vida (espinhos) e no coração aberto, disposto e sincero (terra boa) (Cf. Mt 13,3-8 e 13,18-23)¹⁴.

Eis, então, o fascínio das parábolas: trabalhar com o desigual (explicar isso: o que seria o desigual?) de forma igualitária. As parábolas acendem a reflexão, por analogia, a partir das próprias experiências de vida, entendendo-se, com simplicidade, a complexidade existente nas relações interpessoais.

Dessa forma, as parábolas facilitam a abstração dos ensinamentos, facilitam o viver, o educar e se educar ao mesmo tempo. Esse é o universo ideal de uma sala de aula, pois a aprendizagem se dá por meio das relações interpessoais como estímulo ao desenvolvimento intelectual e cognitivo.

Observa-se que exemplos concretos do dia a dia das personagens presentes nas parábolas possibilitam aos discentes e às discentes uma leitura do cotidiano dessas pessoas simples, o que permite uma abrangência comparativa a

¹³ MESTERS, 1972, p. 153.

¹⁴ MESTERS, 1972, p. 153.

qualquer padrão econômico e nível cultural, favorecendo o desenvolvimento de um projeto de leitura e de compreensão textual em turmas heterogêneas, a exemplo do Proeja.

Assim, haverá coincidências na interpretação e, conseqüentemente, na reflexão ou não por parte do leitor e da leitora, considerando-se a percepção e a analogia que cada qual irá abstrair, a depender do universo interior, da vivência e da experiência que cada indivíduo carrega no arcabouço da vida, o que torna a leitura ainda mais interessante, pois permite uma interatividade maior entre os discentes e as discentes.

É por meio dessa capacidade de estar em sintonia com o outro e conseguir despertá-lo para a reflexão, para a busca do conhecimento, do esclarecimento de forma respeitosa e humanitária que a parábola seduz seus leitores e aqueles que buscam um trabalho focado não apenas na leitura, mas também na sua interpretação e reflexão com significado para a vida.

1.1 Conceito de Parábola

“Esta é a melhor maneira de ensinar, a saber, acrescentar à palavra o exemplo e a imagem. Pois esses fazem com que o discurso seja entendido claramente e possa ser melhor memorizado.” Assim afirma Martim Lutero em trecho extraído da obra *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*, de Gottfried Brakemeier¹⁵.

Tem-se, nas palavras de Martim Lutero delineadas acima, o que representa a parábola na pedagogia. Sendo a pedagogia uma ciência que estuda os ideais de educação, segundo uma determinada concepção de vida em que o exemplo é a demonstração da prática desses ideais, conclui-se, então, que a parábola representa o exemplo a ser seguido ou aprendido com imagem daquilo que as pessoas precisam ver para melhor entender.

Segundo Carlos Mesters¹⁶, as parábolas, como expressão de vida, perpassam a complexidade das inter-relações de existência. De forma simples, mas profunda, as parábolas refletem a vida para aqueles que procuram o entendimento das coisas, o significado do ato mais simplório ao mais complexo.

¹⁵ BRAKEMEIER, 2016, p. 9.

¹⁶ MESTERS, 1972, p.83.

Ivoni Richter Reimer¹⁷ menciona, na revista Estudos Bíblicos, que “a parábola, gênero literário muito utilizado na literatura judaica e cristã, comunica realidades que transcendem o cotidiano. A realidade e a imaginação são interpretadas mutuamente de forma afirmativa ou questionadora”.

Outra característica da parábola, citada na revista Estudos Bíblicos por Joel Antônio Ferreira a propósito da parábola do semeador¹⁸, é a de que ela é

contada em ambiente palestinese, possivelmente por Jesus, usa-se a linguagem do trabalho do agricultor. O contato do trabalhador (semeador) com a terra só termina com a colheita. De forma que a comparação é com o camponês semeador que aguarda paciente a colheita, apesar das adversidades. A reflexão nessa alegoria se faz mais consistente na quarta semente. Mas os leitores terão que analisar as três sementes anteriores, elas fracassaram, elas representam os obstáculos, os insucessos e as oposições.

Nesse horizonte, defende-se que o termo parábola tem várias formas de representação. Na literatura, por exemplo, parábola se refere à forma literária que consiste em um relato figurado, que por analogia ou semelhança precede ao ensino relacionado a um tema que não é explícito, um acontecimento inventado do qual se abstrai um ensinamento moral¹⁹.

A parábola foi usada com fins didáticos por Jesus, para ministrar ensinamentos aos seus fieis e seguidores. A prova disso encontra-se nos evangelhos. Existe ali uma grande quantidade de parábolas com muita diversidade de assuntos, em que o ensinamento ocorre através de situações extraídas da vida cotidiana.

Destacam-se, nas parábolas, as seguintes características: evocação de um ambiente, descrição de uma ação com seus resultados e envolvimento dos personagens com questões que requerem o enfrentamento do dilema moral como consequência das escolhas.

Ainda sobre suas características, as parábolas são escritas em prosa, pertencem ao gênero épico, apresentam relevante quantidade de metáforas, têm

¹⁷ REIMER, Ivoni Richter. Lucas 16,1-8: Um elogio à prudência econômica transgressora. *Estudos Bíblicos: Parábolas*, n. 92, Petrópolis: Vozes, 2006. p. 60-70.

¹⁸ FERREIRA, Joel Antônio. A parábola da semente e suas duas alegorias: Um anúncio subversivo. *Estudos Bíblicos: Parábolas*, n. 92, Petrópolis: Vozes, 2006. p. 37-50.

¹⁹ Parábolas de Jesus. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Par%C3%A1bolas_de_Jesus>. Acesso em: 10 jan. 2018.

caráter moralizante e didático ao narrar uma situação que simula a realidade e abrange acontecimentos cotidianos.

Arrolam-se, abaixo, outros conceitos de parábola.

Ao estudo do significado de parábola, acrescentam-se as explicações de Gottfried Brakemeier²⁰, que esclarece que

na Bíblia, parábola é um termo “sumário”, ou seja, ele é de amplo significado e engloba várias categorias de ditos. Pode designar uma simples palavra figurativa (Mt 15.15), uma comparação, uma fábula, bem como uma história de exemplo como o é a parábola do bom samaritano (Lc 10.30.37). Até mesmo provérbios (Lc 4.23) podem estar incluídos.

O referido autor traz ainda a seguinte explicação sobre o significado da palavra parábola:

A explicação está na palavra aramaica *mathla*. É o termo que está na raiz do discurso de Jesus. O correspondente grego *parabolé* é tradução posterior. Ora, *mathla* ou seu equivalente hebraico *mashal* designa, em termos gerais, uma palavra enigmática. Daí a variedade de significados. O mais comum deles, porém, é o que nós chamamos de parábola, ou seja, um fenômeno como o fermento que leveda toda a massa (Mt 13.33), ou então histórias como a do semeador que saiu para semear (Mc 4.3-9)... nos evangelhos sinóticos, parábola é palavra polissêmica.²¹

De acordo com o dicionário bíblico universal, Bucklan & Williams²²,

Parábola é uma narrativa imaginária ou verdadeira que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade. Difere do provérbio porque sua apresentação não é tão concentrada como a daquele; contém mais pormenores, exigindo menor esforço mental para ser compreendida. Difere da alegoria, porque esta personifica atributos e as próprias qualidades, ao passo que a parábola nos faz ver as pessoas na sua maneira de proceder e viver, também difere da fábula, visto que a parábola se limita ao que é humano e possível.

Os provérbios dão forma às palavras, têm a apresentação concentrada, mas, assim como as parábolas, são de origem popular, expressam a sabedoria de vida e estão em sintonia com a vida.

Em diversos trechos bíblicos encontramos parábolas. Portanto a sua definição é parte integrante para uma boa hermenêutica dos textos bíblicos. Desse modo, Thayer²³ atribui um sentido lato à parábola:

²⁰ BRAKEMEIER, 2016, p.12.

²¹ BRAKEMEIER, 2016, p.12.

²² BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo: Editora Vida, 2007. p.12.

²³ THAYER, Joseph Henry. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan: 1974. p. 726.

Parábola, comparação de uma coisa com outra, semelhança, similitude [...]. Uma narrativa, fictícia, mas de acordo com as leis e costumes da vida humana, na qual ou os deveres dos homens ou as coisas de Deus estão retratados.

As parábolas têm uma narrativa com pormenores de uma situação em que é retratado o caminho para Deus, presente no íntimo e em tudo o que é vivo, que respira e que tem luz, de forma que o povo, nesse espaço, expressa a vontade de viver, de se proteger, de conhecer e buscar Deus.

Como explicado, a parábola envolve elementos da vida cotidiana, correspondendo a uma história passível de ser entendida pelos ouvintes. Nesse mesmo contexto, afirma Ladd²⁴: “uma parábola é uma estória extraída da vida diária, com a finalidade de comunicar uma verdade de cunho moral ou religioso”.

Portanto, as parábolas são recursos que, quando trabalhadas pelo professor em sala de aula, devem requerer atenção ao contexto histórico empregado no processo narrativo para sua melhor compreensão.

A esse propósito, salienta Joachim Jeremias²⁵ que as parábolas devem ter como pressuposto para seu entendimento não só o contexto histórico, como também a mensagem que Jesus quis transmitir. Dessa junção, extrai-se uma única ideia. Assim, as parábolas apresentam tanto o contexto histórico, que deve ser entendido na vida diária das pessoas, quanto um contexto religioso. A partir disso, um único significado deve ser adotado no presente trabalho.

Segundo Joachim Jeremias²⁶:

As parábolas de Jesus não são – em todo caso não primariamente – obras de arte, nem querem inculcar somente princípios gerais, mas cada uma delas foi pronunciada numa situação concreta da vida de Jesus, situação única e muitas vezes imprevista. Muitas vezes, e até mesmo no mais das vezes, trata-se aí, como veremos, de situações de conflito, de justificação, de defesa, de ataque e até mesmo de desafio: as parábolas são, não exclusivamente, mas em grande parte armas de luta. Cada uma delas exige uma resposta concreta e imediata.

²⁴ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 126.

²⁵ JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2007. p.7.

²⁶ JEREMIAS, 2007, p. 15.

Diante do exposto até aqui e com a compreensão do que significa parábola, entende-se com clareza as palavras de Carlos Mesters²⁷ sobre a importância da sua leitura para reflexão:

Isso esclarece um possível caminho a ser seguido hoje, caminho que já deu certo uma vez: fazer o povo pensar, fazê-lo refletir, falar e dizer o que sente; deixar o povo participar e encontrar o seu caminho para a verdade, para Deus; não impor, mas orientar e “e-ducar”, deixar com que descubra a sua riqueza, a sua experiência de vida.²⁸

1.2 Princípios Hermenêuticos e Metodologias usadas por Jesus na interpretação das parábolas

Na obra *E Ihes falava em parábolas: uma introdução à leitura das parábolas*, o autor Pedro Vasconcellos²⁹ afirma a necessidade de renovar a interpretação das parábolas de Jesus, usadas como método de ensino muito enriquecedor para o processo de aprendizagem.

Vejamos, inicialmente, características presentes na interpretação das parábolas de Jesus e como se delineia esse método, depois as implicações da hermenêutica enquanto dizer, explicar e traduzir para a educação.

Faz-se relevo ao fato de que Jesus não foi o precursor desse método de ensino. Não se tratava de nenhuma inovação. Os principais mestres da lei já eram conhecidos por essa habilidade de construir histórias com o objetivo de ensinar alguma lição de moral³⁰. Temos como exemplo os rabinos que nos dias de Cristo já eram especialistas no *mashal*. A partir de uma situação real, abstraía-se um princípio geral, com uma lição moral ou espiritual que servia como ensinamento para o público. Conhecedor desse método de ensino, Jesus empregou-o com excelência nas parábolas.

Sabemos que as parábolas, logo nos primeiros séculos após Cristo, sofreram diversas formas de interpretação e que algumas foram interpretadas como

²⁷ MESTERS, 1972, p.90.

²⁸ MESTERS, 1972, p.90

²⁹ VASCONCELLOS, 2006.

³⁰ TENNEY, M. C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008. p. 391.

se fossem alegoria, atribuindo-lhes uma hermenêutica imprópria, que não fazia justiça à sua intenção original³¹.

Tudo isso veio a dificultar a definição desse recurso literário, usado como método de ensino por Jesus. Portanto, a sua interpretação necessita do contexto histórico para facilitar o seu entendimento e não comprometer o seu significado.

Jaques Dupont³² vai além, ao observar que numa mesma parábola coexistem diferentes sentidos, de forma que uma mesma parábola evangélica possui diferentes contextos, ou mais de um contexto, cuja abordagem abre para diversos aspectos na sua interpretação.

Seguem-se os contextos que, segundo Dupont³³, inspiraram formas de interpretação alegórica:

1. **O contexto literário**, a parábola é transmitida como uma parte de unidade literária que ultrapassa o contexto literário. Cita como exemplo a parábola dos operários da vinha (Mt 20,1-15) dada como um elemento da resposta de Jesus para a seguinte pergunta de Pedro: Eis que abandonamos tudo e te seguimos; que haverá então para nós?"(Mt 19,27). A parábola exemplifica qual foi ensinamento de Jesus para os discípulos como resposta a tal pergunta.
2. **O contexto original**, refere-se à situação da vida em que a parábola surgiu.
3. **O contexto atual**: as parábolas, ao serem relidas pelos cristãos, sofrem influência não só das ideias como também do meio e essas influências contribuem para a permanência do seu significado vivo e atual, nas situações concretas da vida.

Aspecto relevante a observar é a questão do texto associado ao contexto para ter significado. Segundo Dupont³⁴, interpretar parábolas fundamenta-se em descobrir a mensagem das imagens que a camuflam e as tornam obscuras. Essa obscuridade é devido ao esquecimento do contexto original que lhe deu sentido. De fato, a exegese moderna passou a observar aspectos que uniam as parábolas de Jesus às parábolas que se encontram nas literaturas grega ou rabínica e nas obras de arte da literatura universal.

³¹ JEREMIAS, 2007, p. 9.

³² DUPONT, 1980, p. 8.

³³ DUPONT, 1980, p. 8-9.

³⁴ DUPONT, 1980, p.12.

Assim como nas parábolas, o texto não pode estar desassociado do seu contexto, da busca de significação. Esse requisito interpretativo das parábolas registra o quanto esse método é atual.

Carlos Mesters³⁵ narra como Jesus usava as parábolas: primeiro vem a percepção das coisas da vida para vir depois a reflexão sobre elas. Jesus dava poucas explicações sobre as parábolas aos apóstolos e nenhuma ao povo. “Ele simplesmente nos coloca frente às coisas da vida e as aponta”³⁶. O Mestre, então, termina as parábolas dizendo que “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 13,9, p. 20).

Vê-se que Jesus não trazia respostas nas parábolas. Esse método não se propõe a dar respostas prontas, e sim, conduzir o sujeito à reflexão e à busca da resposta. Segundo Mesters³⁷, “A comunicação da mensagem através das parábolas é rica. Quer levar a uma descoberta que nunca se esgota”.

Vale salientar o quanto é importante a adequada interpretação da parábola, pois primeiro é necessário entendê-la para depois aplicá-la na vida. A hermenêutica, com seus métodos, ajuda nesse processo interpretativo.

Para melhor entendimento, discorre-se sobre o que significa a hermenêutica. O *Webster Third New International Dictionary* a define como “o estudo dos princípios metodológicos de interpretação e de explicação; hermenêutica específica o estudo dos princípios gerais de interpretação bíblica”.³⁸

Palmer³⁹ ratifica ainda que

A hermenêutica é o estudo da compreensão das obras humanas, transcende as formas linguísticas de interpretação. Os seus princípios aplicam-se não só a obras escritas, mas também a quaisquer obras de arte. Visto isto, a hermenêutica é fundamental em todas as humanidades – em todas as disciplinas que se ocupam com a interpretação das obras do homem. É mais que meramente interdisciplinar, porque seus princípios incluem um fundamento teórico para as humanidades; os seus princípios deviam colocar-se como um estudo essencial para todas as disciplinas humanísticas.

³⁵ MESTERS, Carlos. *A pessoa de Jesus Cristo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p.20.

³⁶ MESTERS, 1973, p. 20.

³⁷ MESTERS, 1973, p. 22.

³⁸ PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989. p.16.

³⁹ PALMER, 1989, p. 22.

Questiona-se sobre as implicações que a hermenêutica tem para a educação. Conforme Palmer⁴⁰, “a hermenêutica delimita-se ao estudo dos princípios metodológicos. Ela não é apenas regra”. O fundamental na interpretação é que haja o questionamento, que se busque procurar saber o porquê.

A nova hermenêutica vai além: questiona-se o porquê da escolha, qual a relação do sujeito com o objeto. O próprio objeto questiona-se o “porquê de ter sido escolhido como objeto para interpretar”.

Segundo Palmer⁴¹, a hermenêutica

[...] pretende juntar duas áreas da teoria da compreensão: o tema daquilo que está envolvido no facto de compreender um texto e o tema de o que é a própria compreensão, no seu sentido mais fundante e existencial.⁴²

Tomando como base o exposto, por que usar as parábolas como ferramenta para fomentar o acesso à leitura?

Conforme a explicação do dito autor a respeito da pretensão da hermenêutica em juntar os dois temas, o de compreender um texto e a compreensão do seu sentido existencial, justifica-se usar as parábolas com o intuito de despertar no discente e na discente o gosto em lê-las, por diversos motivos que vão além do prazer.

Dupont⁴³ aponta alguns questionamentos usados nas interpretações das parábolas, mas salienta que necessariamente essas regras não estão presentes em todas as parábolas.

Apresentam-se, portanto, esses três questionamentos presentes:

- 1.O que se questiona nas parábolas de Jesus? Referem-se, geralmente, a um comportamento e não a uma ideia teórica. “É a conduta. A práxis”.
2. A quem Jesus dirigia suas parábolas? Aos interlocutores que pensavam diferente dele, em situações de diálogo, buscava persuadir seus ouvintes. “Estão a serviço de um diálogo”.

⁴⁰ PALMER, 1989, p. 16.

⁴¹ PALMER, 1989, p. 16.

⁴² PALMER, 1989, p.16.

⁴³ DUPONT, 1980, p. 13-14.

3. Como Jesus tenta convencer seu interlocutor? Através das experiências de vida. As parábolas traz seu conteúdo respaldado pela experiência das pessoas. (DUPONT, p. 13-14)

Surgem, então, questionamentos: Jesus usou elementos que compõem a natureza, por exemplo, grão de trigo, semente de mostarda, vinhas, terra, rios, mares e montanhas na sua retórica como forma de aproximar o sujeito ao objeto? O item 1 elencado acima representa a conduta, as ações do dia a dia das pessoas?.

Sabe-se que método e objeto não podem se separar. Toda compreensão exige um *loco*, uma situação, em que esse processo deve também ser entendido como um processo de deslocamento. O item 2 representa o trabalho *in loco*, o uso de uma metodologia que possibilite o despertar para a leitura, o envolvimento do leitor em uma situação de diálogo.

Já no item 3, revela-se a percepção da importância do seu conteúdo na praticidade do dia a dia, na vida de fato.

Com relação à abordagem, acrescenta Pedro Vasconcellos⁴⁴ que existem pelo menos duas formas de leitura das parábolas, uma mais direta e outra mais indireta e alusiva. O referido autor exemplifica com uma passagem bíblica:

Em Marcos 4,33-34 lemos duas afirmações aparentemente contraditórias: em primeiro lugar, se diz que Jesus falava em parábolas de acordo com a possibilidade de entendimento das multidões; depois lemos que Jesus as explicava em particular aos discípulos. Como compreender tal paradoxo? As parábolas são compreensíveis por si ou necessitam de explicação posterior? Que compreensões de parábola estariam subjacentes a Marcos 4,33-34? O que é uma parábola?

Segundo Vasconcellos⁴⁵, não é simples responder a tal pergunta. Sua definição requer apontar pistas para sua interpretação e questionar como lê-la.

Já Dupont⁴⁶, sobre *o método das parábolas de Jesus hoje*, revela ter interesse maior pelo processo de linguagem utilizado por Jesus nas parábolas. A práxis como testemunho nas parábolas do evangelho é um aspecto que melhor representa os contemporâneos na sua espiritualidade. Comportamento e prática concreta estão mais próximos e assim os sensibilizam mais.

⁴⁴ VASCONCELLOS, 2006, p.9.

⁴⁵ VASCONCELLOS, 2006, p.9.

⁴⁶ DUPONT, Jacques. *O método das parábolas de Jesus hoje*. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. p.13.

O método parabólico de Jesus é caracterizado pela sua atenção aos comportamentos, ao diálogo, à experiência. Este método “parte da vida e leva à vida.”⁴⁷ Ele é moderno e ativo, pois questiona os ouvintes, que como interlocutores não permanecem como espectadores, mas são impulsionados a se posicionarem.

Nas parábolas, tudo é movimento, de forma que esta linguagem não se aplica à revelação de verdades imutáveis. Este aspecto confirma uma característica importante para o trabalho de leitura: a aplicabilidade na atualidade.

Declara Dupont⁴⁸:

Resta-nos agora sublinhar que o comportamento de Jesus, quando narra parábolas, não perdeu sua atualidade nem como método que ensina a ver a realidade tal qual ela é, nem como método que leva a um comportamento concreto.

O citado autor continua⁴⁹: “as parábolas provocam nos ouvintes uma melhor visão das coisas, uma nova maneira mais exata e não superficial de ver a realidade da vida.”, de forma que esse método que trabalha com a experiência de vida e com a observação da realidade, apesar de ser indireto, é mais harmonioso, mesmo só sendo possível a sua conclusão por analogia.

1.3 Diversidades de Métodos usados por Jesus no ensino

Sabe-se que Jesus utilizava não somente um método para ensinar os seus discípulos, tendo em vista que ele flexibilizava a sua forma de transmitir o conhecimento. Ele adaptava seu método de ensino para cada espécie de grupo que pregava. Sendo assim, pode-se afirmar que a metodologia que ele usava para pregar deveria estar de acordo com cada situação específica e para cada seguidor específico, de acordo com suas peculiaridades. Nesse norte, para cada grupo de pessoas, era utilizada uma estratégia diferente, de modo que se adequasse a cada situação. Em alguns casos, Jesus utilizava parábolas e em outros, a repetição e o paradoxo, por exemplo.

O mestre Jesus utilizava o seu método analisando os conhecimentos de seus discípulos e ouvintes, suas características e outros fatores, como a personalidade do indivíduo. Ele sempre ensinava por meio de uma situação

⁴⁷ DUPONT, 1985, p. 6.

⁴⁸ DUPONT, 1985, p. 35.

⁴⁹ DUPONT, 1985, p.36.

específica, de modo a garantir um bom resultado, a partir da resistência de seus interlocutores.

O método utilizado na maioria das vezes por Jesus era a parábola, porém, nem sempre ele se utilizava da parábola para ensinar. A maior parte das parábolas contadas por ele tinha por base uma resposta à possível pergunta advinda do ouvinte.

Jesus buscava ensinar de modo que ele se centrasse nos alunos, observando, com isso, as suas dúvidas e suas necessidades, analisando cada questionamento. A linguagem que ele utilizava era pautada em prática ilustrada diferentemente da prática abstrata e sistemática.

Nesse norte, cabe mencionar que o seu modo de ensinar era compreensível e de linguagem fácil de entender quando falava com pessoas mais simples, ao passo que a linguagem era mais rebuscada no momento em que explanava para outros segmentos da sociedade.

Outro método desenvolvido por Jesus eram as *declarações curtas*, que serviam para fixar certas informações na memória dos ouvintes, de modo que eles não viessem a esquecer. O livro de Mateus tem alguns exemplos que podem ser mencionados, por exemplo: “sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt.10.16).

As *lições objetivas* também eram outro método utilizado pelo mestre, tendo em vista que Jesus utilizava objetos familiares com o intuito de ensinar verdades voltadas para os espíritos – as verdades espirituais. Conforme Mateus (Mt.18.1-6), por exemplo, o mestre colocou uma criança em meio aos discípulos, para que essa pudesse ensinar lições de humildade.

Jesus utilizava *perguntas* que também eram consideradas na época como uma metodologia de ensino. Isso se percebe no livro de Mateus (Mt16.26), quando ele faz um questionamento sobre o que dará um ser humano em recompensa à coisa mais importante de sua vida: a sua alma. Nesse bojo, qual a recompensa de sua alma?

1.3.1 Ensino através de métodos e recursos variados

Dentre os métodos variados de ensino que Jesus utilizava, além das parábolas, pode-se citar as repetições, dentre outros considerados importantes. Também as simbologias (tudo aquilo que é representado por meio de um símbolo), hipérboles

(uma ação impossível, que se centra no exagero, como, por exemplo, “Condutores cegos! Coais um mosquito e engolis um camelo!” – Jesus para os escribas e fariseus⁵⁰) e até mesmo trocadilhos (quando se lança mão de palavras ambíguas) eram usados como metodologia de ensino. Ele utilizava igualmente o jogo feito com as palavras, de modo que os sons são parecidos com outros, porém, não são de forma alguma iguais, mas se o indivíduo não prestar atenção, pode se confundir. Ademais, pode-se notar que o mestre se torna divertido com os trocadilhos e, pelo fato de chamar atenção, fixa na memória da pessoa o aprendizado.

Seus ensinamentos acontecem até mesmo através de metáforas (comparação entre elementos essencialmente distintos, mas sem o uso de conectivos, como em autodeclarações de Jesus encontradas no Evangelho segundo João: “Eu sou o pão da vida”⁵¹) e provérbios (dizeres sucintos, como, por exemplo, “Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”⁵²), e não parava aí, pois, em alguns casos, constatou-se o uso de enigmas (situações que incitam a descoberta de um significado oculto de algo que está sendo dito, como em “Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.”⁵³) e de ironias (tentativa de ridicularizar por meio de um elogio). No que concerne aos provérbios, cabe mencionar que eles possuem origem popular, são curtos e se resumem em nada mais que um conceito moral e uma norma social. Nesse aspecto, pode-se citar como provérbio, por exemplo, os que se apresentam a seguir.

E ele lhes disse: Sem dúvida me direis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; faze também aqui na tua pátria tudo que ouvimos ter sido feito em Cafarnaum.

(Lucas 4:23)

E Jesus lhes dizia: Não há profeta sem honra senão na sua pátria, entre os seus parentes, e na sua casa.

(Marcos 6:4)

Assim, Jesus utilizava palavras que manifestavam o sentido oposto ao significado literal da palavra, utilizando, algumas vezes, o contrário do que significavam as palavras para chamar atenção e fixar na memória dos ouvintes o conhecimento, por intermédio do uso de metáforas.

⁵⁰ Mateus 23:24 NAS.

⁵¹ João 6:35, 8:12, 15:5.

⁵² Mateus 6:21.

⁵³ Mateus 24:28.

No que tange à questão da hipérbole, não se pode negar que se trata de uma figura de linguagem voltada para o pensamento, com a finalidade de exagerar uma ideia, utilizando uma finalidade expressiva.

A comparação também era utilizada por Jesus. Esse recurso nada mais é que um paralelo realizado entre dois termos advindos de um anunciado com diversos sentidos.

Pode-se dizer que não somente as parábolas eram utilizadas para tal finalidade, mas acima de tudo, as metáforas, dentre outros métodos, como os provérbios e até mesmo os menos utilizados, tais como o enigma e o paradoxo. Nesse sentido, pode-se afirmar: o grande mestre utilizava-se de ironias para fixar na memória dos ouvintes ensinamentos sagrados. Observa-se que a dramatização também era utilizada. Cabe garantir que o mestre utilizava-se também de objetos. Os objetos utilizados eram sementes, até mesmo pássaros e moedas, dentre outros materiais.

Salienta-se que as metodologias utilizadas por Jesus contrastavam com as utilizadas pelos rabinos, tendo em vista que nas metodologias de Jesus não existia memorização, ao passo que nas dos rabinos existia.

1.3.2 Ensino baseado na reflexão

O ensino desenvolvido por Jesus visava a desenvolver curiosidade, assim como interesse por parte dos seus seguidores, com o objetivo de que eles buscassem refletir, acima de tudo, sobre a questão em discussão. É o que se percebe quando Jesus finaliza algumas parábolas com a expressão: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mc 4.9).

1.3.3 Ensino baseado em relacionamentos

O ensino baseado em relacionamentos pode ser visto no livro de Marcos (Mc 3.14), quando se diz que Jesus “nomeou doze para que estivessem com ele”. Não se pode negar, portanto, que se tratava de um ensino pautado em relacionamentos.

A intenção do mestre era transferir conhecimento num contexto de afeto entre o professor e o educando ou educanda. Cabe destacar que para se aprender não é necessário que haja um relacionamento bom entre ambas as partes, pois, na prática, existem alunos que têm um bom aproveitamento mesmo não gostando do

professor. Mas é fácil notar que quando o aluno não gosta do professor, existe a dificuldade de trocar ou de transferir saberes.

1.3.4 Ensino baseado no interesse do aluno

O ensino baseado no interesse do aluno era outra metodologia utilizada por Jesus Cristo, de modo que colidiam com seus desapontamentos, assim como suas frustrações, conforme se percebe no livro de Mateus que relata a respeito do servo impiedoso (Mt 18.23=35), dos desempregados pagos com desigualdade salarial (Mt 20.1-16).

As parábolas não apenas ensinam as pessoas a ver a realidade, mas também a julgá-la corretamente, assim como também orienta a agir com responsabilidade. Por fim, as mudanças provocadas pelas parábolas se traduzem em atos que transformam a vida: elas têm muito a nos ensinar.

Partindo do pressuposto de que as abordagens das palavras se referem às questões relacionadas com vivência, convivência e sobrevivência das pessoas, conclui-se que ao interpretar realidades inerentes a esses contextos, as parábolas representam muito mais que um recurso pedagógico, pois estão voltadas para o assunto da trama, traçam um retrato da realidade, provocando, além da interpretação, uma postura reflexiva sobre ela.

2 DIALOGISMO NO MÉTODO PAULO FREIRE E O PROEJA

2.1 A Educação de Jovens e Adultos e sua ligação com a teoria desenvolvida por Paulo Freire

A respeito da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil – EJA –, cabe mencionar que ela tem significativa ligação com a teoria freireana⁵⁴, por diversos motivos, especialmente pelo fato de tal programa buscar, acima de tudo, desenvolver autocrítica do educando e da educanda e, com isso, buscar questionamento em sala de aula acerca dos assuntos das mais diversas disciplinas, o que é defendido por Paulo Freire⁵⁵. Salienta-se, ainda, que o autor visa a coibir, dentre outras situações negativas, a opressão e a condenação educacionais, é dizer: o acesso à educação, de modo a não negar a educação, pois isso significa impedir o processo de humanização do indivíduo, levando a sociedade para um retrocesso social, uma vez que a ausência do ensino obstrui o avanço acadêmico, pessoal e intelectual do indivíduo.

A pedagogia Freireana é de certa forma utilizada não somente no Brasil, mas também em outros países da América Latina. Ressalta-se ainda que a referida pedagogia visa, com seu método, a desenvolver a proposta educacional pautada no respeito ao educando, assim como o diálogo, de modo que haja nesse contexto o desenvolvimento da criticidade. Sem contar que o fundamento da pedagogia de Freire é baseado em dois princípios essenciais, tais como a politicidade e a dialogicidade. Seguindo uma vertente parecida com o que pensa Paulo Freire⁵⁶, pode-se citar o entendimento de Souza⁵⁷, ao exprimir que os processos educacionais

envolvem a educação e a formação do indivíduo, voltando-se para a sua integração ao mundo e à sociedade, tornando-o sujeito de sua própria história, um intelectual no sentido gramsciano, um ser crítico e leitor do mundo, no sentido freireano.⁵⁸

⁵⁴ FREIRE, 1997, p.105.

⁵⁵ FREIRE, 1997, p.105-107.

⁵⁶ FREIRE, 1997, p.11-12.

⁵⁷ SOUZA, José Carlos Lima de. *EJA: de ensino supletivo à condição de um novo paradigma para a educação no tempo presente*. In: *Currículos em EJA: saberes e práticas de educadores*. Rio de Janeiro: Sesc, 2011. (Col. Educação em Rede). p.25.

⁵⁸ SOUZA, 2011, p. 25.

Um princípio do pensamento de Freire⁵⁹ deixa claro que a educação não? deve ser neutra, pois pressupõe um incentivo ao pensamento crítico do educando e a educanda. De acordo com o entendimento de Feitosa⁶⁰, o processo relativo à aprendizagem em consonância com o método de leitura estão tecnicamente ligados a atos políticos, posto que o alfabetizando e a alfabetizanda recebem um desafio no sentido de refletir sobre o seu papel junto com o lugar onde eles vivem, ou seja, a sociedade na qual se está inserido.

Cabe mencionar, portanto, que a educação à luz do presente método traz no seu âmago a prática da liberdade que por hora é bastante diferente da simples transmissão de informações, tendo em vista que essa educação visa, acima de tudo, a produzir um senso crítico que leva o indivíduo a entender e a reivindicar sua realidade, de modo que ele venha a se transformar por meio de conhecimentos e não aceite a informação como uma verdade absoluta.

Pelandré⁶¹ expõe um entendimento importante sobre o assunto:

Eu preferia dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer, e continuo fazendo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há uma certa metodologia, um certo método, que eu prefiro dizer que é um método de conhecer e não um método de ensinar.

A dialogicidade é uma das características do método que Paulo Freire⁶² utiliza para que os educandos possam interagir melhor com o aprendizado. Trata-se da educação libertadora, a qual, por meio do diálogo, os educandos se tornam sujeitos do processo educacional de modo que haja argumentação.

Por conseguinte, acrescenta-se que o método de ensino por meio de autoridade nada tem de valor na atualidade e no contexto de Freire⁶³.

⁵⁹ FREIRE, 1997, p.123.

⁶⁰ FEITOSA, Sônia Couto. *Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. p.74.

⁶¹ PELANDRÉ, Nilcea Lemos. *Efeitos a longo prazo do método de alfabetização Paulo Freire*. Florianópolis, 1998. Vol. I e II p. 26-52 Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. p.55.

⁶² FREIRE, 1997, p.11-12.

⁶³ FREIRE, 1997, p.43.

2.2 História da EJA no Brasil

A história relativa à educação de jovens e adultos no Brasil ainda necessita ser escrita, tendo em vista que ocorreu após o Brasil Colônia, mesmo que desde aquela época já se tentasse educar pessoas jovens e adultos. Ressalta-se que, de forma legal, as iniciativas por meio dos governos surgiram recentemente, com certeza, tendo em vista que o ensino era totalmente religioso para os adultos, de modo que se apresentava com um propósito menos educacional, do ponto de vista da ciência. Ressalta-se que nessa época a educação no Brasil ficou totalmente frágil por diversos motivos, entre eles, a falta de produtividade e a omissão do Governo da época⁶⁴.

Diante disso, pode-se garantir que no Brasil Império muitas coisas aconteceram e, dentre elas, surgiram as reformas educacionais pautadas acima de tudo em inclusão de adultos no ensino noturno, visando com isso a incluir os adultos analfabetos.

Segundo Cunha⁶⁵, a necessidade de inclusão de adultos na escola surgiu a partir do momento em que houve desenvolvimento desenfreado da indústria, especificamente no meado do século XX.

Diante do alto índice de analfabetos no Brasil, os gestores da época começaram a desenvolver políticas públicas voltadas para a educação tão somente com o final da ditadura de Getúlio Vargas, quando os princípios democráticos começaram a aflorar na sociedade e houve a criação do fundo de alfabetização da população adulta analfabeta.

A partir desse contexto, diversos organismos internacionais, como Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), buscaram contemplar essas pessoas com base na questão da dignidade da pessoa humana, que deve ser não somente valorizada, como ter suas garantias elencadas na própria lei maior do país, especificamente na Constituição da

⁶⁴ CUNHA, Conceição Maria da. *Introdução*: discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999. p.9.

⁶⁵ CUNHA, 1999, p.10.

República Federativa do Brasil⁶⁶, como a de 1988, tendo em vista que se trata de direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, no sentido de alfabetizá-las.

Soares⁶⁷ garante que a UNESCO tem envolvimento no processo de alfabetização no mundo, tendo em vista que visa a prezar pela educação de jovens e adultos para que não haja discriminação. Ademais, defende-se que Paulo Freire (1997) foi um dos grandes idealizadores da questão, no sentido de admitir a necessidade de incluir adultos e jovens no processo educacional, de modo que não houvesse analfabetos na sociedade, mesmo havendo dificuldade de erradicar este cenário. O importante é que, afinal, houve uma iniciativa.

Ressalta-se ainda que o analfabetismo, mesmo sendo apontado como uma causa de marginalização e de miséria na sociedade, configura-se como um problema sério que deve ser tratado, pois o processo de industrialização não suporta pessoas analfabetas⁶⁸.

Ante ao exposto, pode-se dizer que foi exatamente no ano de 1967 que o Governo Federal, por meio de órgãos específicos, utilizou-se de estratégias para assumir o controle relativo à alfabetização especificamente de adultos, por meio do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global [...] A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, Sócio-Cultural, política e técnica.⁶⁹

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71, é uma Lei Federal que define em todo o território nacional as suas bases.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

⁶⁶ BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2011. p. 103.

⁶⁷ SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. *Revista Presença Pedagógica*, v.2, nº11, Dimensão, set/out 1996. p.14.

⁶⁸ SOARES, 1996. p.17.

⁶⁹ FERREIRA, Maria José Vale. *Princípios político-pedagógicos do MOVASP*. São Paulo, MOVA-SP, Caderno nº. 2, Secretaria Municipal de Educação, 1990. p. 60.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames

Saliente-se que no ano de 1974 o Ministério da Educação e Cultura propôs que o Estado implantasse, por meio da Secretaria de Educação, os Centros de Estudos Supletivos (CES), o que beneficiou milhares de alunos no Brasil.

Nesse viés, cabe mencionar que nos anos 90 houve a criação da Educação de Jovens e Adultos, que procurou trazer o ensino fundamental para pessoas de diversas idades, que não haviam estudado na época adequada. Não se pode negar que houve o crescimento da cidadania assim como o fortalecimento da cultura das pessoas mais humildes da sociedade brasileira, respaldado pelas conferências organizadas pela UNESCO, criada em consonância com a Organização das Nações Unidas.

Em sintonia com órgãos internacionais, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, garante que

208: O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

O ensino é baseado em princípios fundamentais, tal como a igualdade de condições no que diz respeito à permanência na escola. Sendo assim, não se pode negar que a Constituição garante a dignidade da pessoa humana, e, por isso, não há permissão legal para haver prática em sentido contrário.

art 206:” O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I- igualdade de condições de acesso e permanência na escola”

art 3: “ Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV- promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação.

No que tange à idade para frequentar a escola na modalidade EJA, de acordo com o entendimento de organizadores do programa e em consonância com a legislação pertinente, pode-se dizer que deverá ter idade certa, conforme fica claro na citação abaixo:

Art. 7º... Parágrafo único. Fica vedada, em cursos de Educação de Jovens e Adultos, a matrícula e a assistência de crianças e de adolescentes da faixa etária compreendida na escolaridade universal obrigatória, ou seja, de sete a quatorze anos completos. Art. 8º § 1º... § 2º Semelhantemente ao disposto no parágrafo único do Art. 7º, os cursos de Educação de Jovens e Adultos de nível médio deverão ser voltados especificamente para alunos de faixa etária superior à própria para a conclusão deste nível de ensino, ou seja, 17 anos completos.

De acordo com Porcaro⁷⁰, com a falta de políticas públicas, o governo resolveu criar um sistema para a alfabetização de jovens e adultos, tendo em vista a enorme quantidade de pessoas sem preparação para adentrar no mercado de trabalho, situação que se agravou na Era Vargas, por cinco anos durante a ditadura militar. A democratização da educação foi se fortalecendo e diversos movimentos foram criados.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2002)⁷¹ surgiu com diversos objetivos educacionais, entre eles, a previsão a respeito da Educação de Jovens e Adultos no seu artigo 37. Para a Constituição (Lei nº 9.394/96)⁷², “A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Ademais, a resolução FNDE/CD nº 51/2008 garante o apoio didático à educação de jovens e adultos por meio de projetos que visam ao incentivo financeiro e a qualificação do corpo docente e discente.

I. o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II. a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III. o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV. o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. O ensino médio, conforme a LDB, tem como finalidades: I. a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II. a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III. o

⁷⁰ PORCARO, Rosa Cristina. Educação de Jovens e Adultos: A regulamentação das políticas educativas no Brasil, 2011. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem02/COL_E_3509.pdf> Acesso em: 15 out. 2015. p.2.

⁷¹ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília; 2002.

⁷² BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e prática .⁷³

Ante ao exposto, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 208, inciso I, deixa claro o que pensa o legislador constituinte sobre a Educação de Jovens e Adultos. Nesse contexto, cabe citar que

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria [...]. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996).

A idade que se deve ingressar nos cursos da Educação de Jovens e Adultos é diferenciada dos demais programas, pelos motivos já citados no bojo do trabalho. Destaca-se que tal comportamento tem por base o Parecer 06/2010. Diante disso, a idade mínima para integrar-se ao programa é de 15 anos, desde que seja relativo ao Ensino Fundamental, ao passo que o ingresso ao Ensino Médio é de 18 anos. Ademais, existe a sintonia com a Resolução do Conselho Estadual de Educação (CEE), nº 1.286/2006, art. 62, que garante, acima de tudo, que a organização das turmas seja realizada de acordo com as condições físicas e que deverão se adequar à realidade de cada escola.

A Lei nº 9394/96, com base no artigo 38, garante, a respeito da questão voltada para a idade certa, que:

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames. (BRASIL, 1996).

⁷³ BRASIL, 1996, p. 23.

Nesse contexto, cabe mencionar que a resolução nº 1/2000, do Conselho Nacional de Educação (CNE), está sintonizada com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos ao trazer no seu bojo o seguinte entendimento:

[...] as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar: I. quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação; II. quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores; III. quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (art. 5º).

A partir das questões acima discutidas, defende-se que a realização de turmas para compor a EJA deve estar de acordo com a Resolução pertinente, de modo que as ações devam ser realizadas em total harmonia com a lei em vigor e com seus objetivos, que trazem impactos positivos à sociedade, pois, dessa forma, a educação baseia-se na dignidade dos alunos e das alunas e dos licenciados e licenciadas.

2.3 Educação e o dever do estado de incluir

A educação é uma ferramenta transformadora e existe obrigatoriedade por parte do Estado Democrático de Direito no sentido de incluir as pessoas. Trata-se de um direito de todos e dever do Estado e que deve ser garantida com total qualidade para que os que a usufruem possam gozar de um direito inerente à pessoa humana. A respeito desse assunto, o professor Celso Antonio Pacheco Fiorillo⁷⁴ garante que

[...] para que a pessoa humana possa ter dignidade (CF, art. 1º, III) necessita que lhe sejam assegurados os direitos sociais previstos no art. 6º da Carta Magna (educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância e assistência aos desamparados) como "piso mínimo normativo", ou seja, como direitos básicos. (grifo nosso).

⁷⁴ FIORILLO, 2009, p. 114.

Ressalta-se que a dignidade da pessoa humana é uma garantia constitucional elencada no Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto – da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, e, portanto, um direito fundamental expresso no rol dos principais direitos sociais do cidadão expresso na então Carta Magna de 1988.⁷⁵

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes *princípios*:

I – *igualdade de condições* para o acesso e permanência na escola;

II – *liberdade* de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – *pluralismo de ideias* e de concepções pedagógicas;

IV – *respeito à liberdade* e apreço à tolerância;

V – *coexistência de instituições públicas e privadas* de ensino; VI

– *gratuidade do ensino* público em estabelecimentos oficiais; VII

– *valorização do profissional* da educação escolar;

VIII – *gestão democrática* do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX – *garantia de padrão de qualidade*;

X – *valorização da experiência extraescolar*;

XI – *vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais*.

XII - *consideração com a diversidade étnico-racial*. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

A educação também é um direito garantido internacionalmente, por diversas avenças internacionais, tal como a Conferência Mundial sobre a Educação para Todos. Com base no texto da UNESCO⁷⁶,

Desde o início do atual decênio, uma série de conferências chamou a atenção do mundo sobre problemas internacionais cruciais. Após a Conferência Mundial sobre a Educação para Todos: responder às necessidades educativas fundamentais (Jomtien, Tailândia, 1990) ocorreram a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio de Janeiro, 1992), a Conferência Mundial sobre os Direitos do Homem (Viena, 1993), a Conferência Internacional sobre a População e o Desenvolvimento (Cairo, 1994), a Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social (Copenhague, 1995), [...]. Em todas aquelas ocasiões, os dirigentes mundiais manifestaram a expectativa de que a educação ofereça às competências e à criatividade dos cidadãos o meio de exprimir-se. A educação tem sido considerada como um elemento indispensável de uma estratégia para apoiar os mecanismos do desenvolvimento sustentável.

Os direitos sociais, como dimensão dos direitos fundamentais do homem, são prestações positivas proporcionadas pelo Estado direta ou indiretamente,

⁷⁵ BRASIL, 1988, p. 56.

⁷⁶ PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy. (Orgs.). *Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea 1996 – 2004*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007. p.11-13.

enunciadas em normas constitucionais, que possibilitam melhores condições de vida à pessoa humana, direitos que tendem a realizar a equalização de situações sociais de desigualdade.

Direito à igualdade, direito à dignidade da pessoa humana, direito à educação são direitos fundamentais com respaldo na Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988. Esses direitos são considerados fundamentais e inerentes a qualquer pessoa humana, não podendo haver discriminação em hipótese alguma, pois a própria lei, a moral e os bons costumes não permitem.

BRASIL⁷⁷:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.

O direito à igualdade é um dos pontos mais importantes do ordenamento jurídico brasileiro, tendo em vista que se trata de uma conquista que se originou com o advento da Revolução Francesa, que por hora influenciou o ordenamento jurídico de diversas Cartas Magnas no mundo inteiro. Nesse norte, como todos são iguais, há garantia do estado de incluir aquelas pessoas que são portadoras de transtornos globais, síndrome e até mesmo microcefalia. Nessa esfera, o Estado deverá utilizar ferramentas necessárias para incluir estas pessoas, de modo que elas, além de serem tratadas com igualdade, tenham um tratamento especial, para que haja equidade no modo de prestar o serviço eficiente, com profissional qualificado para tal fim.

Trata-se de um direito fundamental no sentido de tratar com respeito e dignidade o cidadão sem discriminação, independente de sexo, idade ou qualquer que seja a forma a sua forma de manifestação.

Especificamente quanto à educação inclusiva, ao direito à igualdade educacional, Carvalho⁷⁸ afirma que:

⁷⁷ BRASIL, 1988. p. 88.

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação inclusiva, estamos considerando a diversidade de aprendizes e seu direito à equidade. Trata-se de equiparar oportunidades, garantindo-se a todos – inclusive às pessoas em situação de deficiência e aos de altas habilidades/superdotados, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. (CARVALHO, 2005, p. 78).

Por isso, tem se defendido a inclusão de alunos em classes regulares, para que todas essas aprendizagens estejam atreladas à sociabilidade entre as diversidades, garantindo igualdade de acesso, embora ainda se tenha que garantir de fato a igualdade de desenvolvimento de potencialidades.

O Dever do Estado de incluir tem garantia pela Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, que garante que a inclusão na educação é algo essencial para a sociedade.

A Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional tem como garantia, nos seus artigos 58, 59 e 60, a inclusão de pessoas com necessidades em instituição de ensinos.

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Os sistemas de ensino dão garantia de inclusão no ensino a pessoas especiais, de modo que sejam postos em plena igualdade para com aquelas pessoas que gozam de todos os mecanismos de locomoção, sensoriais etc, não se caracterizando como pessoas portadoras de necessidades especiais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional tem um entendimento no sentido de proteger e incluir até mesmo outras espécies de aluno discriminado, o que viola os direitos humanos.

⁷⁸ CARVALHO, José Jorge de. *Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar, 2005. p.78.

Art. 59-A. O poder público deverá instituir cadastro nacional de alunos com altas habilidades ou superdotação matriculados na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado. (Incluído pela Lei nº 13.234, de 2015). Parágrafo único. A identificação precoce de alunos com altas habilidades ou superdotação, os critérios e procedimentos para inclusão no cadastro referido no caput deste artigo, as entidades responsáveis pelo cadastramento, os mecanismos de acesso aos dados do cadastro e as políticas de desenvolvimento das potencialidades do alunado de que trata o caput serão definidos em regulamento.

O Estado Democrático de Direito tem total garantia no sentido de trazer benefícios para a sociedade, garantindo que:

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (Regulamento)

Parágrafo único. O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Sabe-se que educação é dever do Estado, mas não somente desse, como também da família e da sociedade, tendo em vista que se trata de uma obrigatoriedade e não de uma faculdade. Ademais, pode-se garantir que educação é um direito fundamental inerente a todas as pessoas.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O ideal seria que todos os estados brasileiros fizessem jus ao que exprime a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, principalmente no que tange ao princípio da dignidade da pessoa humana. A igualdade entre os seres está também prevista no cerne da Carta Magna.

Apesar de termos uma legislação robusta na defesa e na proteção para uma educação de qualidade, nossos discentes e nossas discentes dos cursos noturnos pertencem ao contingente que, segundo o IBGE, configura 31 milhões de jovens

vivendo em estado de pobreza, ao lado de 17 milhões que vivem em estado de miséria. Somente 10 milhões de brasileiros entre 10 e 17 anos estão acima da miséria e da pobreza. Apenas 7 milhões da totalidade dos nossos jovens (12%) têm um trabalho regular e, desses, só 33,5% dispõem de carteira de trabalho assinada. Para 66% dos jovens que trabalham, a jornada de trabalho excede de 40 horas semanais, enquanto o ganho mensal fica em torno de meio salário mínimo, segundo texto do Jornal do Brasil, publicado em 19 de dezembro de 1990.

Já se passaram quase três décadas e os dados estatísticos continuam a confirmar a extrema fragilidade social e a insegurança absoluta que perpassa a vida, principalmente a vida desprotegida dos jovens marginalizados e excluídos da sociedade brasileira.

Infelizmente, o nosso arcabouço jurídico constitucional e dos direitos humanos não são eficazes para coibir essa fragilidade social. Configura-se, no seio escolar, um panorama de violência e delinquências, para o qual uma sociedade de exclusão e não inclusão empurra as classes desfavorecidas ou subalternizadas, impelindo-as da integração nas relações oficiais de trabalho.

3 DESAFIO DO EDUCADOR E DA EDUCADORA (DOCENTE) NAS AULAS DE LEITURA NO CURSO PROEJA

Para se discorrer sobre os desafios enfrentados pelas e pelos educadores nas aulas de leitura no Proeja, apresenta-se uma reflexão sobre um cenário mais amplo do citado curso, uma vez que os indicadores educacionais apontam para um elevado índice de evasão ao final do primeiro semestre do ano da implantação do Proeja.

Problemas de saúde, problemas relacionados ao trabalho (horário, mudança de trabalho e desemprego), defasagem de conhecimentos apresentados pelas e pelos alunos, ocasionada pelo longo período de afastamento dos estudos, pela insuficiência de aprendizagem nos níveis anteriores, eram os principais elementos que dificultavam o acompanhamento às aulas e levam as e os educandos ao desestímulo e à evasão.

Mais para frente, percebe-se que a resistência dos e das discentes relacionada às aulas de Língua Portuguesa se dava, principalmente, por conta da dificuldade na leitura, na reflexão e na escrita.

Diante ao exposto, como resgatar e ressignificar o conhecimento já existente nas e nos discentes do curso Proeja? Esses foram os motivos que contribuíram para a presente pesquisa: uma forma de trabalhar com leitura, compreensão de texto e escrita, dentro de um contexto já familiar, para facilitar o entrosamento, a participação nos diálogos, a troca de conhecimento, o gosto pela leitura e, por fim, a reflexão.

3.1 As Parábolas no contexto de sala de aula objetivando a reflexão do discente

Para uma melhor compreensão do uso das parábolas de Jesus no contexto de sala de aula, durante as aulas de leitura, compreensão e interpretação de textos, precisamos, inicialmente, compreender o seu significado para depois demonstrar as interferências que elas promovem para uma leitura profunda ou superficial, mas motivada.

Para que as leituras se tornem uma prática diária, sugere-se que elas busquem um saber aplicável às questões concretas do dia a dia e que aos poucos

ganhem espaço e superem expectativas, tornando-se uma fonte de conhecimento e prazer.

Nota-se que a atuação do professor, além de facilitar o entendimento, possibilita ao discente e à discente encontrar sentido na aprendizagem. Nesse sentido, a ideia é construir uma ponte entre o presente/cotidiano, o que se apreende, e o passado, a origem e evolução dessa aprendizagem, de forma que fazer a leitura da parábola e correlacioná-la com uma situação atual é como elaborar uma pergunta para o presente e buscar respostas no passado, ou seja, conhecer o passado para melhor entender o presente. Esse processo histórico-literário contextualiza o saber.

Libâneo⁷⁹ assevera que:

O trabalho docente deve ser contextualizado histórica e socialmente, isto é, articular ensino e realidade. O que significa isso? Significa perguntar a cada momento, como é produzida a realidade humana no seu conjunto; ou seja, que significado têm determinados conteúdos, métodos e outros eventos pedagógicos, no conjunto das relações sociais vigentes.

Corroborando com a ideia de usar parábolas nas leituras, Joachim Jeremias⁸⁰ afirma que aquele que as escolhe para estudo tem nelas uma consistência histórica, pois tem suas bases primitivas na tradição, o que lhe confere a impressão mais forte das suas imagens na memória do que ideias abstratas.

Esse pensamento é que aguça o desejo para o uso das parábolas no contexto de sala de aula como forma de estímulo à leitura. Fomentar a reflexão sobre aspectos pertinentes ao contexto usual e concreto em que os e as discentes têm como referência de vida estimula o gosto pela leitura.

Assim, vejamos na parábola do semeador as imagens que retratam a vida rural na Palestina: “estranha que o semeador em Mc 4,3-8 seja de tal inabilidade ao semear a ponto de pôr a perder uma quantidade de semente; era de se esperar a descrição da técnica que nos é habitual de semear”⁸¹. Esse trecho descreve o fato que geralmente acontecia nos campos de plantações onde se semeava antes de passar o arado na terra, técnica usada naquela época, na Palestina. Abre-se para

⁷⁹ LIBÂNEO, 1999, p. 22.

⁸⁰ JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 4 ed. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1986. p.7.

⁸¹ JEREMIAS, 1986, p. 7.

reflexão: Como a civilização ocidental trabalha ou trabalhava nas plantações? Quais as técnicas outrora utilizadas na semeadura? Por que o oriental semeia no caminho? Será de forma proposital que o semeador lança a semente no caminho e entre espinhos? O que se infere desse gesto?

Esse último questionamento alerta os e as discentes para o fato de o texto não se reduzir apenas à palavra no sentido denotativo ou conotativo. Por isso é importante aprender a ler outras linguagens, assim como não só a escrita. Anteriormente, aprendia-se a ler somente textos literários, não havendo a preocupação de como os textos não literários seriam lidos.

Pontuando esse entendimento, Carlos Mesters faz um estudo aprofundado da história da Bíblia, com a finalidade de não se deter exclusivamente ao passado, com os fatos que aconteceram, mas também em revelar o sentido do que vem acontecendo. Essa obra proporciona uma leitura prazerosa e flui à medida que provoca a reflexão sobre os provérbios, expressão de uma sabedoria popular.

A reflexão está presente do início ao fim nos livros sapienciais. Esses “representam a expressão do pensamento do povo já existente, que nele se verbaliza e se organiza, em vista de uma melhora da vida”.⁸²

O referido autor retrata também a busca do homem em encontrar um caminho que proporcione uma existência humana melhor, com recursos da ciência (antropologia, medicina, psicologia, sociologia, entre outros), como também outras formas não científicas, a exemplo da sabedoria popular e a experiência da vida, presentes no livro sapiências surgidos do meio do povo.

Acrescenta o autor que a sabedoria popular tem na educação a praticidade como base; é na família a base onde se inicia e se propagam os valores e as leis que atuam na existência humana.

Daí o surgimento dos provérbios, expressões da sabedoria de um povo simples e humilde. Nesse contexto, diz o mesmo autor: “Assim surgiam os

⁸² MESTERS, 1972, p.84.

provérbios ou ditados populares, que eram como pedaços da vida, representando valores descobertos por gente do povo.”⁸³

As parábolas, assim como os provérbios, estavam diretamente relacionadas com a vida do povo. Jesus usava uma pedagogia alicerçada na realidade da vida. Exemplificava o seu ensino com fatos concretos ocorridos no dia a dia. A partir desses fatos reais e concretos, ele levava as pessoas a refletir sobre suas ações. Exemplo: camponeses semeando (Mt 13.4).

Segundo Gottfried Brakemeier⁸⁴, de acordo com os evangelistas, o uso de parábolas é típico do ensino de Jesus. Essa era a forma que não só ele usava para se comunicar, como também os rabinos faziam uso desse instrumental para ilustrar sua doutrina. No Antigo Testamento, há registro delas. Exemplos: a parábola do profeta Natã, a parábola da plantação de uvas, entre outras.

A parábola provoca a reflexão, ato individual que requer a participação de cada um, analisando seus feitos. Portanto, ela é ideal para ser usada com o objetivo de incentivo à leitura, interpretação, debate ou discussão na sala de aula.

Jesus usou uma metodologia que todo professor ainda hoje faz utiliza: parte de exemplos próximos aos discentes e às discentes, objetos, cenas e cenários familiares, em que esses convivem diariamente, para usá-los como exemplos, provocando-lhes a imaginação.

Conforme Jacques Dupont⁸⁵, o interesse maior no uso das parábolas está em poder passar para os ouvintes o quanto ela é significativa nas situações atuais, principalmente quando se questiona sobre a realidade, sobre situações que envolvem o ser humano no seu dia a dia.

3.2 Interpretação da parábola do semeador direcionada à aquisição da leitura

A Parábola do Semeador é de notável beleza poética. Pela sua originalidade e pelas lições que encerra, honra a seu autor e revela a profundidade de um soberano pensador, Jesus. (CRUZ, 2017)⁸⁶

⁸³ MESTERS, 1972, p. 84.

⁸⁴ BRAKEMEIER, 2016, p. 11.

⁸⁵ DUPONT, 1980, p.40.

⁸⁶ CRUZ, 2017.

Mateus 13.1-9:

"Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar; e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou.

E toda a multidão estava em pé na praia. E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear.

E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.

Saindo, porém, o sol, queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se.

Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram.

Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".

Esta é uma das três únicas parábolas registradas em mais de dois evangelhos, e também é uma das únicas que Jesus explicou especificamente.

A história em si é simples, como o atesta a versão de Lucas:

Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram. Outra caiu sobre a pedra; e, tendo crescido, secou por falta de umidade. Outra caiu no meio dos espinhos; e, estes, ao crescerem com ela, sufocaram. Outra, afinal, caiu em boa terra; cresceu e produziu a cento por um (Lucas 8.5-8).

A explicação de Jesus também é simples:

A semente é a palavra de Deus. A que caiu à beira do caminho são os que a ouviram; mas não persistiram no propósito, rapidamente apaga do coração a palavra de Deus. A que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; porém, estes não têm raiz, apenas por algum tempo e, na hora da prova, se desviam. A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer. A que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido do bom coração retêm a palavra; estes frutificam com perseverança. (Lucas 8.11-15).

Pode-se aplicar as explicações de Jesus sobre a parábola para o âmbito educacional. Os quatro tipos de terreno podem ser aplicados diretamente ao ensino e aprendizado, principalmente como possíveis caminhos para o aprimoramento de técnicas de leitura.

As diversas respostas à "semente" do evangelho são como as muitas respostas ao ensino. Alguns aceitam o ensino completamente, alguns apenas

parcial ou temporariamente, e outros deixam passar a oportunidade de aprender, negando que necessitam desse aprendizado.

O mesmo ocorre com relação à leitura. Enquanto não se tem consciência do quanto ela é necessária na conquista de uma vida melhor, é preciso permitir que o terreno do coração seja preparado, deixando-o pronto para receber a semente do aprendizado, ou seja, abrir-se para o mundo da leitura, do conhecimento.

A explicação de Jesus para ensinar com parábolas se ajusta muito bem à dinâmica do ensino devido à não aceitação ou resistência à prática de leitura pela grande maioria dos e das aprendizes. Aqueles e aquelas que respondem de forma positiva acrescentam ao que já sabem e desenvolvem mais entendimento à medida que avançam no aprendizado. Aqueles e aquelas que não respondem positivamente se tornam cada vez mais endurecidos e imunes ao aprendizado por causa da negação.

Por analogia à palavra de Deus que é a semente, a palavra do professor, assim como seus ensinamentos, também são as sementes que farão a diferença na vida desses discentes. Dessa forma, ao professor e à professora cabe a tarefa de capacitá-los a refletir sobre seus atos e posturas. Assim se dá o crescimento desta semente em um solo fértil.

Essas observações são importantes, exatamente como forma de aprimorar as técnicas de leitura usando as parábolas não apenas com estímulo, mas também para levar os e as discentes a uma tomada de decisão mais crítica em suas vidas, de forma que a parábola do semeador possa contribuir para o e a ouvinte discente ter uma mudança de hábito com relação à leitura.

Segundo Dupont⁸⁷, o narrador da parábola tem seu objetivo alcançado não apenas quando espectador tem a concordância, mas quando este assume o ponto de vista do narrador. Assim, Jesus quando contava suas parábolas, objetivava mudança dos ouvintes. Usava sua arte com o intuito de provocar uma reação nos seus interlocutores. As parábolas não eram apenas um meio de informação, mas também um meio de ação, de atitude.

Dupont⁸⁸ cita como exemplo essa parábola do semeador (Mc 4. 3-8 par.), que começa inicialmente com uma série de fracassos e termina com um sucesso. Assim, parte-se de um modo de ver as coisas, que depois se abre para outras

⁸⁷ DUPONT, 1980, p.40.

⁸⁸ DUPONT, 1980, p.52.

possibilidades mais plausíveis, em que geralmente a primeira representa o comportamento dos destinatários e a última, o do parabolista.

Forma semelhante ocorre na sala de aula. A princípio, alguns e algumas discentes serão resistentes à mudança de hábito, mas como afirmou Mesters⁸⁹ ao comparar a parábola à urtiga, eles reagem de forma positiva, pois ambas levam à compreensão, mas, antes, ocorre a reflexão.

Assim, Carlos Mesters⁹⁰ pontua que “As parábolas funcionam como a urtiga do mato: produzem o estalo que faz compreender”, de forma que cabe a cada um, a partir do seu intelecto, o entendimento e a compreensão da mensagem.

Mesters⁹¹ apresenta uma dinâmica de grupo que consiste em ler a parábola e depois apresentar questões pertinentes a respeito do entendimento da parábola lida:

1ª. Qual a experiência que o e a ouvinte tem a respeito das sementes? (Sugere que algum ou alguma ouvinte revele uma comparação que aprendeu da semente).

2ª. É solicitado que se preste atenção aos diferentes terrenos em que cai a semente. Segue-se das seguintes perguntas para reflexão:

1. Qual o ponto da parábola que mais chamou a sua atenção? Por quê?
2. A semente cai em quatro terrenos diferentes: caminho, pedra, espinhos e terra boa. O que significa para você cada um desses quatro terrenos?
3. Às vezes, somos pedra; outras vezes, espinho; outras vezes, caminho; outras vezes, terra boa. Na comunidade, o que somos normalmente? (MESTERS, 1973, p. 8.)

3.3 Os desafios docentes na formação de jovens e adultos

É do conhecimento de todos que em todos os programas de educação há problemas. E na EJA não é diferente. Como o assunto é voltado para a Educação de Jovens e Adultos, não se pode negar que são muitos os problemas e por diversos motivos, como a faixa etária heterogênea e a evasão escolar, os problemas estruturais, a incompatibilidade do horário de trabalho do aluno e da aluna com o horário das aulas, assim como a discriminação na sala de aula por parte dos alunos e das alunas mais jovens, uma vez que os próprios membros da sociedade, na prática, acabam discriminando esses estudantes. Consideramos

⁸⁹ MESTERS, 1973, p. 6.

⁹⁰ MESTERS, 1973, p.6.

⁹¹ MESTERS, 1973, p. 7-8.

que esse contexto deveria ser diferente, pois a sociedade está incumbida de dar apoio à educação, juntamente com a família e o Estado.

De acordo com o entendimento dos mais renomados doutrinadores, como Gadotti e Romão⁹², a formação, na verdade, é uma prática voltada para o conhecimento, de modo que haja sempre um questionamento, tendo em vista que o conhecimento nasce normalmente de uma pergunta e que o questionamento do e da estudante é algo essencial para que haja desenvolvimento de sua autocrítica.

A Declaração de Hamburgo, de alguma forma, induz o doutrinador brasileiro a incentivar os e as estudantes da EJA a desenvolverem a sua autocrítica.

De acordo com o conhecimento de Gadotti e Romão⁹³, trata-se de um processo continuado, cujas questões voltadas para o desenvolvimento do profissional de educação devem ser discutidas e resolvidas em sala de aula, de modo a melhorar o desenvolvimento intelectual do e da discente. Salienta-se que o professor ou a professora devem aprofundar o seu conhecimento nas questões que haja construção, desconstrução e reconstrução do saber discente, a fim de que se desenvolva não somente transmissão do conhecimento, mas um processo que envolva o saber, o evoluir.

A formação docente da maioria dos profissionais inicia-se trilhando um caminho desconhecido: muitos dormem alunos e acordam professores, já que não existe uma formação específica para professor do ensino superior, por exemplo. Com isso, a ausência de uma formação didático-pedagógica tem sido um obstáculo para o bom desempenho do professor e da professora e, conseqüentemente, um ensino superior de qualidade.

A esse respeito Tardif⁹⁴, acrescenta que

[...] as fontes da formação profissional dos professores não se limitam à formação inicial na universidade; trata-se do verdadeiro sentido do termo de uma formação contínua e continuada que abrange toda a carreira docente.

É do conhecimento de todos que os desafios da EJA são diversos e que necessário se faz a existência de políticas públicas voltadas para melhorias da educação.

⁹² GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustaquio. (Org.). Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 29-40.

⁹³ GADOTTI; ROMÃO, 2011, p. 34.

⁹⁴ TARDIF, 2000, p. 2.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente foram testados nas aulas outros gêneros textuais, tais como fábula, crônica, conto, letras de músicas, entre outros. Mas com o propósito de dar continuidade aos estudos no contexto educacional, optou-se por fazer uma pós-graduação voltada para a área que traduza esse contexto educacional. Assim, diversas setas direcionaram para o estudo das parábolas de Jesus.

O despertar para essa temática veio, inicialmente, a partir do desafio encontrado em sala ao longo do exercício dessa profissão; em seguida, por meio da disciplina hermenêutica, durante as aulas do nobre professor e vice-reitor da Faculdades EST, numa atividade de reflexão, de questionamento a respeito do objeto de estudo. Portanto, a escolha do tema Parábolas de Jesus deve-se pela impressionante oratória que tem o referido professor e que de forma ímpar seduziu a todos os ouvintes, independentemente de classe social, grau de instrução, sexo/gênero e idade.

E, assim, a abstração foi tomando forma e formato. Nesse interim, no primeiro semestre de 2016, na turma de Música I, de forma experimental, apresentamos a música Procissão, de Gilberto Gil⁹⁵, para leitura, análise interpretativa e abertura de espaço para diálogo e exposição de pontos de vista.

A receptividade, com participação e interação dos alunos, foi excelente. Na sequência, apresentamos a Parábola do Cavalo e a Criança⁹⁶. O envolvimento de todos com reflexão, se posicionando, fazendo analogia e contextualizando com situações da vida real foi enriquecedor. A experiência fora bem sucedida, portanto.

A partir desse momento, tinha-se ciência de que os gêneros literários testados (letra musical e parábola) provocavam interesse nos alunos, possivelmente pela proximidade e identificação com que essas e esses estudantes têm com relação aos gêneros mencionados.

Os resultados positivos já estão se consolidando. Nota-se, de antemão, que as e os discentes têm demonstrado interesse em ler, participar da discussão, se

⁹⁵ GÓES, Fred. *Gilberto Gil: literatura comentada*. São Paulo: Editora Abril, 1982. p. 83-86.

⁹⁶ ESCLARÍN, Antonio Pérez. *Educar valores e o valor de educar: parábolas*. São Paulo: Paulus, 2002. p.7-8.

posicionar e defender as ideias com argumentos mais bem elaborados e consistentes. O avanço na proficiência da leitura, da compreensão e da interpretação dos textos foi um ponto satisfatório já identificado nesse processo.

Observa-se também que os e as discentes já vislumbram a continuidade nos estudos preparando-se para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio. Eles estão interessados em continuar os estudos, cursando o ensino universitário, pois já têm a certeza de que os estudos são imprescindíveis para a melhoria na qualidade de vida.

Outro aspecto evidenciado é que o empenho nos estudos por parte dessas e desses estudantes já tem apresentado reflexos positivos também na atuação profissional, uma vez que eles relatam quão significativo e proveitoso está sendo o processo de aprendizagem no desempenho escolar e também profissional.

Por conseguinte, realizar com essas e esses discentes atividades que envolvem a leitura e a escrita social é muito enriquecedor, de modo que os resultados são positivamente consideráveis e assim se percebe uma aprendizagem mais efetiva e significativa. As e os discentes conseguem ver um sentido real para desenvolver habilidades em ler, escrever, refletir, expressar e argumentar posicionamentos e ideias, não apenas no espaço escolar, mas também em outros segmentos sociais, quais sejam pertencentes ou não desses meios sociais.

Há de se considerar também a importância de se instrumentalizar o e a estudante para a identificação dos elementos ideológicos presentes nos diversos textos dentro e fora da sala de aula e para a compreensão dos processos pelos quais esses textos são produzidos e difundidos.

Nesse âmbito, foi muito importante, embora exaustivo, desenvolver um trabalho em que os e as discentes tiveram oportunidades concretas de desenvolver habilidades de ler, escrever, interpretar, argumentar e construir textos de forma contextualizada, apropriando-se do significado social da leitura e da escrita, tornando-se, enfim, leitoras e leitores críticos e mais conscientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desse trabalho, que teve como base a leitura de parábolas do Novo Testamento, “as parábolas de Jesus”, como contribuição para a habilidade da leitura e o despertar para o prazer de ler, foi possível perceber a importância de se realizar estratégias de leitura que promovam o gosto pela leitura e crie vínculos no hábito de ler dos educandos e das educandas.

Os dados estatísticos comprovam o que vem sendo amplamente debatido: a necessidade de vincular o ensino da língua portuguesa com a prática cotidiana, de forma que tenha significado para o educando e a educanda. Isso constituiu-se numa realidade perfeitamente verificável na presente pesquisa, pois a dificuldade de se trabalhar com leitura, compreensão e interpretação de texto no campo do saber da Língua Portuguesa remeteu à necessidade de desenvolver uma dinâmica mais interativa para melhorar o processo formativo dos e das estudantes.

O tema escolhido, portanto, justifica-se pela crescente demanda de um trabalho de leitura e interpretação voltado para turmas heterogêneas, compostas por educandos e educandas com diferentes graus de escolaridade e faixas etárias diferentes, sinalizado como imprescindível para todo o campo do saber da matriz curricular do Curso Técnico em Instrumento Musical, modalidade Proeja, no Colégio Estadual Deputado Manoel Novaes, na capital baiana, uma vez que os educandos e as educandas apresentaram déficit de leitura e desmotivação para tal habilidade.

É sabido que a leitura e a escrita devem ser compreendidas como um sistema de representação que mediatiza a ação humana ao universo na sua prática diária com o meio social ao qual está inserido. É de fundamental importância para o educador e para a educadora que assumem o seu verdadeiro papel de mediador e mediadora do processo ensino/ aprendizagem, para que o e a discente sejam um cidadão ou uma cidadã capaz de agir e interagir com o seu meio social de forma eficiente, equilibrada e responsável.

Vale salientar que a vontade, a motivação e o desejo de transformar situações escolares, a priori impossíveis, são dimensões do ofício do educador e da educadora, fundamentais para a promoção do ambiente sala de aula, com

aprendizagem significativa. Nesse sentido, como se verifica no presente trabalho, o e a profissional de educação devem proporcionar ao educando e à educanda o contato com diversas ferramentas ou recursos metodológicos para aguçar o seu interesse em ler, pois a leitura amplia o acesso aos diferentes âmbitos de cultura e multiplicidade de ideias. Possibilita, também, uma participação mais ativa e efetiva dentro do contexto social que se está inserido.

Para tanto, se faz necessário que os professores examinem como proceder à ruptura do preconceito contra as variedades linguísticas diferentes do estabelecido padrão gramatical, uma vez que esse preconceito ainda persiste, principalmente, na esfera escolar. Infelizmente, um número considerável de professores de nossa escola pública ainda considera a norma padrão da língua como sendo a única que merece espaço na sala de aula, sem explicitar ou tornar conhecidas as normas vernáculas – prototípicas da língua falada.

De forma implícita, assim como o puritanismo ideológico das variedades linguísticas, está a relação de linguagem e poder. Os indivíduos que detêm o poder definem tanto o conhecimento a ser aprendido nas escolas como as normas e regras gramaticais a serem ensinadas, configurando um cenário de imposição da língua do dominador. As outras variedades, então, são anuladas, corrigidas e, na maioria dos casos, estigmatizadas.

Atitudes como essas reforçam situações sociais que inferiorizam os e as discentes, à medida em que estigmatizam seu dialeto, sua experiência, sua cultura, sua língua e, assim, anulando todo o conhecimento latente por ser considerado inculto, inferior ou integrante da classe desprestigiada.

Lamentavelmente, ainda está ausente, em grande parte de nossas salas de aula, a concepção dos professores em acreditar na competência que os e as discentes têm de dominar diferentes códigos e usá-los em diferentes situações, de forma que nem todos os professores têm auxiliado os e as discentes das camadas populares a acrescentar ao domínio de sua variedade linguística registros da norma padrão.

Dessa forma, almeja-se que a leitura de parábolas, a partir da contextualização, fomente o gosto pela leitura, ao mesmo tempo em que contribua

para a inclusão social dos e das discentes que apresentam dificuldade de aprendizagem devido à carência de leitura.

REFERÊNCIAS

- BRAKEMEIER, Gottfried. *As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2011. p. 56-100.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília; 2002.
- BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, L. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- CARVALHO, José Jorge de. *Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar, 2005.
- CUNHA, Conceição Maria da. *Introdução: discutindo conceitos básicos*. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.
- CRUZ, Rude. A parábola do semeador. Disponível em: <<http://www.rudecruz.com/a-parabola-do-semeador-estudo-biblico-evangelico.php#>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- DUPONT, Jacques. *Por que parábolas?*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. *O método das parábolas de Jesus hoje*. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- ESCLARÍN, Antonio Pérez. *Educar valores e o valor de educar: parábolas*. São Paulo: Paulus, 2002, p.7-8.
- FEITOSA, Sônia Couto. *Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- FERREIRA, Joel Antônio. A parábola da semente e suas duas alegorias: Um anúncio subversivo. *Estudos Bíblicos: Parábolas*, n. 92, Petrópolis: Vozes, p. 37-50, 2006.
- FERREIRA, Maria José Vale. *Princípios político-pedagógicos do MOVASP*. São Paulo, MOVA-SP, Caderno nº. 2, Secretaria Municipal de Educação, 1990.
- FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. *Curso de direito ambiental brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustaquio. (Org.). *Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GÓES, Fred. *Gilberto Gil: literatura comentada*. São Paulo: Editora Abril, 1982.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 4 ed. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus Professor; Adeus Professora?: Novas exigências educacionais e a Profissão Docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

MESTERS, Carlos. *Deus, Onde Estás?*. Belo Horizonte: Vega S.A., 1972.

_____. *A pessoa de Jesus Cristo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy. (Orgs.). *Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea 1996 – 2004*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1989.

PELANDRÉ, Nilcea Lemos. *Efeitos a longo prazo do método de alfabetização Paulo Freire*. Florianópolis, 1998. Vol. I e II p. 26-52 Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós- Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

PORCARO, Rosa Cristina. *Educação de Jovens e Adultos: A regulamentação das políticas educativas no Brasil*, 2011. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/se m02/COL E_3509.pdf> Acesso em: 15 out. 2015.

REIMER, Ivoni Richter. Lucas 16,1-8: Um elogio à prudência econômica transgressora. *Estudos Bíblicos: Parábolas*, n. 92, Petrópolis: Vozes, 2006, p. 60-70.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. *Revista Presença Pedagógica*, v.2, nº11, Dimensão, set/out 1996.

SOUZA, José Carlos Lima de. *EJA: de ensino supletivo à condição de um novo paradigma para a educação no tempo presente*. In: *Currículos em EJA: saberes e práticas de educadores*. Rio de Janeiro: Sesc, 2011. (Col. Educação em Rede).

TARDIF, Maurice. *Ambigüidade do Saber Docente nas Reformas Relativas à Formação Universitária para o Magistério*. Texto Digitado, 2000.

TENNEY, M. C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Sheer Publicações, 2008.

THAYER, Joseph Henry. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan: 1974.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. E Ihes 'falava em parábolas": uma introdução à leitura das parábolas. In: *Mosaicos da Bíblia*. São Paulo, 1995, n. 19. p. 7-11.